

RÚSSIA

Acho muito sensata a idéia do governo de procurar reatar relações com a Rússia e alguns outros países da "Cortina de Ferro". Muita gente acredita que isso será uma salvação para nosso comércio exterior. Confesso que sou um tanto pessimista; afinal já tivemos relações com a U. R. S. S., e nosso intercâmbio não chegou a significar grande coisa. Não creio que a Rússia tenha grande interesse na maior parte dos produtos que podemos exportar. É, de qualquer maneira, um grande mercado em potencial. E não estamos em condições de desprezar mercado nenhum; temos de tentar tôdas as "chances".

Por falar em Rússia não atinei no motivo pelo qual o jornal comunista aplicou a pena do silêncio ao livro de viagens de Graciliano Ramos. O que possa haver ali de "fora da linha" me parece insignificante. A certa altura aparece, por exemplo, um instituto que tem o nome de Béria. Ao tempo da viagem, Béria era um dos grandes heróis do proletariado. Hoje não chega a ser nem do Cáucaso. Acho que ainda não existe mais, não se fala mais nele. O romancista, porém, não o elogia; apenas elogia Stalin, e fora disso seus entusiasmos vão todos... para as belas mulheres do Cáucaso. Acho que ainda não chega a ser proibido elogiar Stalin, nem as belas damas.

O livro não é muito interessante porque Graciliano era todo o contrário de um repórter. Sente-se que seus hospedeiros o fatigaram mais de uma vez, levando-o a fazer visitas longas a esta ou aquela instituição. O tom geral é de louvor, é de boa vontade, é de aceitação de tudo. Quem conheceu Graciliano e seu terrível pessimismo, sabe que isso não é pouco: tôda sua emoção de simpátizante do comunismo (comunista mesmo ele nunca chegou nem de longe a ser, embora pertencesse ao Partido nos últimos anos...), emoção de homem que no interior de Alagoas já torcia, solitário, pela vitória dos bolchevistas contra Kerenski, tudo isso ele transforma em boa vontade, em esforço de compreensão. Veja-se o seu incidente com um literato local, que o aborrecia, e a espécie de autocrítica feita mais tarde; exigir mais do que aquilo do velho Graça seria impossível. Também a desculpa para os mocambos do caminho do aeroporto, em Moscou, tão mais engenhosa do que convincente.

Como tudo o que Graciliano escreveu, o livro merece ser lido. Não é preciso levar demasiado a sério a modéstia, a quase vergonha com que ele fala de sua obra, quando em contato com os escritores russos. Ele jamais poderia deixar de ser solidário com o que ele mesmo tinha de mais autêntico. E o homem, o homem verdadeiro (não aquele que "deve ser assim", mas o que "é") está todo na história dos três gatos que ele via de sua janela, numa aldeia. Às vezes apareciam apenas dois gatos, e ele se preocupava. Depois se preocupava por estar tão preocupado. Sair do Brasil, ir até os confins da Rússia, às beiras da Ásia, para se preocupar com três gatos vagabundos! Esse pequeno trecho é do melhor Graciliano e da melhor literatura; foi com essas coisas de nada, com esse respeito à própria personalidade — foi com essa verdade íntima que os grandes escritores russos já fizeram uma grande arte.

14-77-54
R. B.

177